Dia 9 — São Primo e Feliciano, Irmãos, Mártires

Martirológio Romano

Os santos mártires Primo e Feliciano, no monte Célio, em Roma, no tempo dos imperadores Diocleciano e Maximiano. Estes gloriosos Mártires viveram uma longa vida no Senhor, padecendo umas vezes juntos e outras separados cruéis e atrozes tormentos; por último chegaram ao termo de seus combates, havendo sido degolados por ordem de Promoto, prefeito da cidade chamada Nomentana. (Veja-se sua vida hoje.)

O martírio de São Vicente, diácono e mártir, em Agen, na França.

Santa Pelágia, virgem e mártir, em Antioquia; da qual fazem grandes elogios São Gregório e São João Crisóstomo.

São Maximiano, bispo, em Siracusa; do qual faz muitas vezes memória São Gregório, papa.

São Ricardo, primeiro bispo de Andria, na Apúlia; esclarecido em milagres. (Era natural da Inglaterra e, tendo ido a Roma, sendo em breve conhecido pelo esclarecido de suas virtudes e talentos, o Papa o fez bispo de Andria, na Apúlia, pelos anos de 492. Presume-se que abraçou a religião católica estando em Roma, pois é sabido que os ingleses não abraçaram o cristianismo senão pelos anos de 600. As antigas lendas dos Santos da Itália falam deste Santo com muito elogio, ponderando sua santidade e seus milagres.)

São Columba, presbítero e confessor, na Escócia. (Foi outro dos patriarcas mais célebres da ordem monástica na Irlanda, tendo composto uma regra em irlandês que produziu os mais opimos frutos. Passava de cem o número de mosteiros que fundou entre a Irlanda e a Escócia, e com sua pregação converteu os escoceses à religião de Jesus Cristo. Reconhecidos os pictos aos benefícios do Santo, cederam-lhe a ilha de Hy ou Iona, onde fundou um grande mosteiro, que foi durante muitos séculos o principal seminário dos bretões e sepulcro dos reis da Escócia. Assim o monarca como o povo, ricos e pobres, todos buscavam seus conselhos e seu apoio. Morreu pelos anos de 597, rodeado de Anjos que assistiram a seu glorioso trânsito.)

São Juliano, monge, em Edessa, da Síria; cujos ilustres feitos escreveu Santo Efrém, diácono.

São Primo e Feliciano, Irmãos, Mártires

São Primo e seu irmão São Feliciano foram romanos, de uma família muito visível entre a plebe por seus grandes bens e riquezas. Nasceram e foram criados nas superstições da idolatria; mas, abrindo-lhes os olhos a graça de Deus, conheceram sua falsidade e detestaram suas extravagâncias. Tiveram a ventura de converter-se pelo zelo do papa São Félix I; e, fortalecendo-se sua fé durante o tempo de muitas perseguições, ocultaram-se à crueldade de alguns imperadores gentios, para socorrer com suas crescidas esmolas grande número de cristãos.

Não é fácil dizer o zelo e a intrepidez com que alentavam os santos confessores e mártires, acompanhando-os até os mesmos cadafalsos. Todos os seus bens eram dos pobres; passavam os dias e as noites com os gloriosos confessores de Cristo nos calabouços; animavam a uns, fortaleciam na fé a outros e faziam muito bem a todos. Parecia que o furor dos gentios respeitava aqueles dois heróis cristãos; pois, em meio de uma declaração tão pública e tão ruidosa de sua fé, durante o fogo da mais cruel perseguição, deixavam-lhes inteira liberdade para assistir e consolar os fiéis na capital do paganismo e à vista dos mais mortais inimigos do nome cristão.

Mas, enfim, quis o Senhor premiar tão heroica caridade com o triunfo de sua fé e coroar seus trabalhos com a glória do martírio. Por volta do ano 286 associou Diocleciano ao império Maximiano Hercúleo, e começou a declarar-se guerra contra todos os Cristãos. Resolveu-se exterminá-los, e encheram-se de sangue e de carnificina todas as províncias do império. Achavam-se em Roma os dois Imperadores, e foi aquela capital o maior teatro do heroísmo dos Mártires. Havia mais de trinta anos que os dois santos irmãos desafiavam, por dizê-lo assim, a barbaridade dos tiranos e faziam triunfar a caridade cristã na praça mais forte da idolatria, quando os sacerdotes dos ídolos, raivosos de ver que cada dia ia diminuindo seu crédito pelos progressos que fazia na cidade a fé de Jesus Cristo, e tendo notícia das maravilhas que obrava o zelo de nossos Santos depois de tantos anos, publicaram em todas as partes que, irritados os deuses, não queriam dar oráculos até que os cristãos Primo e Feliciano fossem castigados ou se os obrigasse a oferecer-lhes sacrifícios.

Chegaram logo aos ouvidos dos Imperadores estas ameaças ou denunciações dos deuses e sublevaram toda a cidade e toda a corte contra os dois irmãos. Prenderam-nos e, carregados de cadeias, foram apresentados aos Imperadores, que, olhando-os com olhos fulminantes: Sois vós, desditosos, perguntaram-lhes cheios de cólera, os que tendes o descaro e a desvergonha de professar publicamente uma religião proscrita em todo o império romano e isto com o maior desprezo de nossos deuses? Preparai-vos para padecer os mais espantosos tormentos ou desde este mesmo ponto ide e detestai vossa obstinação, oferecendo-lhes sacrifícios.

São Primo, que já tinha noventa anos, respondeu com muita humildade e modéstia aos Imperadores que não havia outro verdadeiro Deus senão o Deus dos Cristãos nem outra verdadeira religião que a sua, e que estavam resolvidos a derramar todo o sangue e dar a mesma vida por

conservar sua fé.

Não podia ser mais respeitosa nem mais moderada a resposta; contudo entraram em furor os Imperadores e mandaram voltar os Santos todos ao cárcere; mas, apenas foram encerrados nos calabouços, quando lhes veio consolar um Anjo do Senhor, e no mesmo instante se acharam livres das cadeias. Então, derramando seu espírito em ação de graças, exclamaram: «Bendito sejais vós, Pai das misericórdias e Deus de todo consolo, que vos dignastes consolar a vossos servos, fazendo em pedaços suas prisões, como em outro tempo o fizestes com São Pedro: pois nos fizestes a mesma graça que fizestes ao Apóstolo na prisão, concedei-nos também a mesma constância nos tormentos.»

Noticiosos os Príncipes deste sucesso, atribuíram-no a encanto; e, mandando trazer à sua presença os dois irmãos, depois de haver tentado inutilmente perverter-los com promessas e com ameaças, mandaram despedaçá-los com cruéis açoites e que depois lhes arrancassem a pele, tirando-lha com umas tenazes aos bocados. Era espantoso o suplício e terrível a dor; mas aquele Senhor por cuja glória o sofriam lhes mitigou aquele tormento e lhes curou milagrosamente as feridas. Souberam-no os Imperadores e, para não padecer a vergonha de serem vencidos pela constância daqueles dois insignes anciãos, sabendo o ódio que professava aos Cristãos Promoto, governador de Nomentana ou Nomento, e a crueldade de seu gênio, enviaram-lhos com ordem expressa de que procurasse perverter-los e, quando não, que lhes fizesse padecer os mais excessivos tormentos que pudesse inventar.

Não houve jamais ordem mais bem obedecida. Negando-se os Santos a sacrificar aos deuses, mandou-os Promoto açoitar com correias armadas de bolas de chumbo e, em meio daquele granizo de golpes, cantavam os Santos louvores ao Senhor, redobrando suas fervorosas orações: Assisti-nos, Senhor, única esperança nossa; livrai-nos, por vossa glória, do estado em que nos achamos; junte-se a vossa bondade o interesse de vosso santo nome para conceder-nos o perdão de nossos pecados; mostrai, Senhor, vosso poder na fraqueza de vossos servos, para que não nos insultem vossos inimigos, perguntando-nos onde está o Deus dos Cristãos.

Vendo Promoto o valor e a alegria com que defendiam sua fé e sua religião, achando-os insensíveis tanto aos tormentos como às ameaças, e parecendo-lhe que se animavam um ao outro com sua presença, mostrando-se invencíveis porque estavam unidos, mandou separá-los, com esperança de conseguir assim seu intento mais facilmente. Atacou primeiro a Feliciano e, falando-lhe em tom lisonjeiro e amigável, disse-lhe: Admiro-me de que um homem de tuas idades se obstine em querer morrer nos tormentos, podendo passar uma velhice tranquila e sossegada. Vai, sacrifica aos deuses imortais, e eu te prometo o favor dos Imperadores, constituindo-me desde logo por seguro fiador de tua fortuna. — Mais me admiro eu, replicou Feliciano, de que um homem como tu tenha por deuses as quimeras, pois quimera é a mesma pluralidade de deuses. Ainda que és todavia tão moço, por muito que vivas será um punhado de anos toda a tua vida; trata de assegurar-te uma ditosa eternidade, renunciando a tuas pagãs superstições, porque não há salvação senão na religião cristã: faze-te cristão se queres ser feliz.

Aturdiu, mas não converteu o Governador aquela tão generosa resposta; antes, irritado com a constância do Santo, deu ordem para que no mesmo calabouço fosse encravado num madeiro,

deixando-o assim por espaço de três dias inteiros, não sem esperança de que lhe faria perder o ânimo a vivacidade das agudíssimas dores. Depois, acrescentando a mentira e o artifício à crueldade, no dia seguinte fez vir à sua presença a Primo; disse-lhe que seu irmão Feliciano havia enfim aberto os olhos a seu próprio bem, reconhecendo que a religião cristã era um tecido de extravagâncias, sustentado por arte diabólica, e que, havendo sacrificado a Júpiter e a Hércules, se achava coberto de graças e benefícios com que o haviam honrado os Imperadores.

São Primo, a quem Deus por meio de um Anjo havia revelado tudo o sucedido com Feliciano, respondeu-lhe: «Admiro-me da seriedade e da serenidade com que mentes, dissimulando teu indecente artifício; sei muito bem a constância com que meu irmão tolerou os mais cruéis tormentos e não ignoro as celestiais e indizíveis doçuras com que Deus o está consolando neste mesmo ponto em que te falo; espero em sua bondade que me concederá a graça de não lhe ser menos fiel nem menos generoso.» Enfurecido Promoto ao ouvir estas palavras: Tu sacrificarás a Júpiter, disse-lhe, ou sofrerás o que até agora nenhum mortal sofreu. — Eu, respondeu o Santo, só sacrifico ao verdadeiro Deus e não a vosso Júpiter, a quem vossas mesmas fábulas no-lo representam como o homem mais perverso de todos os mortais; e, quanto a teus suplícios, veremos quem se cansa primeiro, tu de atormentar-me ou eu de padecer. Cheio de raivosa cólera o Governador, mandou que o moessem a pauladas e que aplicassem achas acesas aos vergões e às chagas. Neste cruel tormento levantou o Santo os olhos ao céu docemente e exclamou desta maneira: «Provastes-me, meu Deus, como se prova a prata com o fogo; vossos inimigos lisonjeiam-se de que me hão de tirar a vida; mas estou vivo a seu pesar e publicarei vossas maravilhas: eternamente sejais bendito, Salvador meu Jesus Cristo, porque, em virtude de vosso poder, não sinto dor em meio dos maiores tormentos.» Querendo Promoto estorvar-lhe que cantasse os louvores do Senhor, mandou lançar-lhe na boca chumbo derretido, à vista de seu irmão Feliciano, a quem havia mandado já que desencravassem do madeiro; engoliu o Santo aquele chumbo derretido como poderia um copo de água e, voltando-se ao tirano, disse-lhe: «Reconhece já, pelo milagre que acabas de ver, a virtude onipotente de meu Senhor Jesus Cristo e confessa tua fraqueza em meio de tua mesma crueldade; a presença de meu irmão Feliciano confunde a mentira de que te valeste para combater minha fé; será possível que tantos testemunhos juntos não bastem para que abras os olhos e para que despertes do letargo em que te têm submergido tuas gentílicas superstições?»

Não dando ouvidos o tirano senão a sua raiva contra os dois heróis da religião cristã, ordenou que os expusessem às feras. Acudiu a este espetáculo toda a cidade. Saíram ao anfiteatro dois leões furiosos que com seus rugidos espantavam os assistentes; ao vê-los partir, ninguém duvidou de que os santos Mártires iam ao instante ser devorados e despedaçados; mas todos ficaram aturdidos quando os viram lançar-se a seus pés como uns cordeiros, afagando-os brandamente com as caudas. Lançaram-lhes depois dois ursos ainda muito mais furiosos; mas os ursos fizeram o mesmo que os leões. Assombrado o povo à vista daquele prodígio, começou a gritar que não havia outro verdadeiro Deus senão o Deus dos Cristãos; e no mesmo ponto se converteram à fé mil e quinhentas pessoas. Aturdido Promoto com a vozeria do povo e muito mais ofendido da conversão de tanta gente, mandou cortar a cabeça aos dois santos irmãos.

Tão fácil era ao poder de Deus livrá-los deste último suplício como dos antecedentes; mas os Santos, com a sagrada impaciência de gozá-lo, conseguiram, enfim, a coroa do martírio no dia 9 de

junho do ano 287. Referem as atas que São Feliciano tinha então noventa anos e que São Primo não era menos ancião.

Seus santos corpos foram expostos no campo para que os comessem os cães e os corvos; mas os fiéis de Nomento os retiraram e lhes deram sepultura no mesmo lugar onde se edificou depois uma igreja. Pelos anos de 645 os trasladou a Roma o papa Teodoro e os colocou na igreja de Santo Estêvão, no monte Célio.

Nota

Segundo Domènech, ainda que na vila de Besalú, na Catalunha, se celebre em tal dia como hoje a festa de São Primo e São Feliciano, seus padroeiros, não são São Primo e São Feliciano de Roma, cuja vida precede, mas outros Santos do mesmo nome, cujos sagrados corpos possui aquela vila, os quais padeceram martírio na cidade de Agen, hoje da França: sua história pode ver-se no 6 de outubro, conformando-nos com o citado Domènech na geral dos Santos da Catalunha.

Missa (oração)

A missa é em honra dos Santos, e a oração é a que segue:

> **Latim:** *Fac nos, quæsumus, Domine, sanctorum martyrum tuorum Primi et Feliciani semper festa sectari: quorum suffragiis protectionis tuæ dona sentiamur. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Concedei-nos, Senhor, que celebremos sempre a festa de vossos santos mártires Primo e Feliciano e que por sua intercessão mereçamos a graça de vossa proteção. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 5 do livro da Sabedoria.

Sabedoria 5,16-20

>

> **Latim:** [16] Justi autem in perpetuum vivent, et apud Dominum est merces eorum, et cogitatio illorum apud Altissimum. [17] Ideo accipient regnum decoris, et diadema speciei de manu Domini : quoniam dextera sua teget eos, et brachio sancto suo defendet illos. [18] Accipiet armaturam zelus illius, et armabit creaturam ad ultionem inimicorum. [19] Induet pro thorace justitiam, et accipiet pro galea judicium certum ; [20] sumet scutum inexpugnabile æquitatem.

Português: [16] Mas os justos viverão para sempre, e a sua recompensa está no Senhor, e o pensamento dêles no Altíssimo. [17] Portanto receberão da mão do Senhor um reino de honra, e um diadema de formosura: Porque os protegerá com a sua destra, e com o seu santo braço os defenderá. [18] O seu zelo se vestirá de todas as suas armas: E ele armará as suas criaturas para se vingar de seus inimigos. [19] Tomará por couraça a justiça, e por capacete a inteireza do seu juízo: [20] Embraçará a eqüidade como escudo inexpugnável:

Reflexões

A morte enterra na sepultura as obras mais ruidosas da ambição e a mais brilhante glória dos mortais; o último sopro que apaga a vida dos maiores monarcas apaga também com eles, por dizê-lo assim, seu poder, sua magnificência e muitas vezes até a sua mesma reputação. O temor, a submissão e o respeito dos povos a seus soberanos não passa de sua vida; não só se esquecem seus benefícios, até seu mesmo mérito se apaga da memória. Que resta hoje daqueles ditosos do mundo que viveram nos séculos mais remotos? Daqueles poderosos príncipes que fizeram tanto ruído no universo? Daqueles deuses da terra, a quem se ofereciam votos e sacrifícios e todos dobravam o joelho em sua presença? Que resta daquelas falsas prosperidades de que viviam embriagadas tantas gentes? Daquelas fortunas orgulhosas, que pareciam zombar da caducidade dos bens criados? Que resta daquele entoado fausto, daquela pomposa mundanidade, daquelas grandezas tão deslumbradas como deslumbradoras, que ou não fizeram mais que aparecer ou, se subsistiram longo tempo, foi para fazer mais visível com sua ruína a vaidade de tudo o que mais brilha na terra? Nomes vazios, títulos em pergaminhos roídos, mausoléus meio arruinados, tristes depositários de um punhado de cinzas ou de uns ossos podres: isto é tudo o que resta daqueles deuses de farsa e de teatro, que divertiram por algum tempo e enganaram um pouco no tablado para sepultar-se depois num eterno esquecimento. E ainda que a posteridade conservasse respeitosamente sua memória, se esses ditosos mundanos, se esses heróis do século se condenaram, de que consolo, de que utilidade lhes servirá o respeito dos homens? *Justi autem in perpetuum vivent:* os justos são os que não morrem; ou, por melhor dizer, os que nunca vivem, nunca reinam, nunca brilham mais que depois de sua morte; não é necessária a dureza do mármore nem a constância do bronze para conservar sua memória; não há homem mortal que não lhes pague o tributo de estima, de respeito e de veneração; não se olha seu nascimento, sua condição nem sua dignidade; só sua virtude realça, eterniza sua memória. Que os obscurecesse um maligno revés da fortuna; que a maledicência e a calúnia conspirassem em desacreditá-los; que fossem tratados enquanto viveram como as fezes do gênero humano: *Tamquam peripsema*

hujus mundi (1 Cor 4); que, sepultados em sua mesma humildade, vivessem esquecidos: *In perpetuum vivent;* a morte faz ilustre o nascimento dos Santos; abre-lhes a porta a uma nova vida cheia de glória e de esplendor ainda no mesmo mundo. Esqueceram-se na Espanha e na Polônia os nomes de muitos príncipes, de muitos monarcas; e até os mesmos reis respeitam hoje com solenidade e com reverência a memória de um Santo Isidro, pobre lavrador, e de um Santo Estanislau Kostka, humilde noviço da Companhia. Nem as revoluções dos Estados alteram a veneração dos povos aos Santos: a Suécia, a Inglaterra, a Escócia e a Dinamarca podem perverter-se; mas nem por isso deixará a Igreja de celebrar até o fim dos séculos a gloriosa e triunfante memória das Brígidas, dos Eduardos, das Margaridas e dos Canutos; nem a heresia pôde apagar seu culto nem desterrar seus nomes dos fastos e dos calendários. Em vão lisonjeia o mundo a seus partidários; em vão pretende imortalizar seus heróis; ele mesmo é o primeiro que os esquece ou, o mais que pode fazer, é dar-lhes algum lugar na história. Frívola recompensa, consolo muito triste a um que se condenou.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 11 de São Mateus.

Mateus 11,25-30

> **Latim:** 25 In illo tempore respondens Jesus dixit : Confiteor tibi, Pater, Domine cæli et terræ, quia abscondisti hæc a sapientibus, et prudentibus, et revelasti ea parvulis. 26 Ita Pater : quoniam sic fuit placitum ante te. 27 Omnia mihi tradita sunt a Patre meo. Et nemo novit Filium, nisi Pater : neque Patrem quis novit, nisi Filius, et cui voluerit Filius revelare. 28 Venite ad me omnes qui laboratis, et onerati estis, et ego reficiam vos. 29 Tollite jugum meum super vos, et discite a me, quia mitis sum, et humilis corde : et invenietis requiem animabus vestris. 30 Jugum enim meum suave est, et onus meum leve.

Português: 25 Naquelle tempo respondendo Jesus, disse: Graças te dou a ti, Pai, Senhor do ceo e da terra, porque escondeste estas cousas aos sabios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos. 26 Assim he, Pai: porque assim foi do teu agrado. 27 Todas as cousas me forão entregues por meu Pai. E ninguem conhece o Filho senão o Pai: nem alguem conhece o Pai senão o Filho, e a quem o Filho o quizer revelar. 28 Vinde a mim todos os que andais em trabalho, e vos achais carregados, e eu vos alliviarei. 29 Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim que sou manso e humilde de coração: e achareis descanso para as vossas almas. 30 Porque o meu jugo he suave, e o meu peso leve.

Meditação

Da falsa sabedoria do mundo

Primeiro ponto

Considera que há no mundo uma sabedoria falsa que engana, deslumbra e conduz ao precipício; como erra nos princípios, não pode deixar de enganar-se nos meios e no fim. Funda-se esta sabedoria na ilusão e na paixão; todos os seus alcances nascem de seu próprio fundo e nunca saem de sua esfera; misturados com as trevas e quase de todo impedidos com a escuridão, jamais olham os objetos como são. Sendo sabedoria puramente humana e prudência da carne, quais podem ser seus discursos, qual seu sistema? Tudo o pesa na balança do interesse e da paixão; a ambição tudo regula e a sensualidade o autoriza. Esta sabedoria não reconhece outras máximas que as que forja a malignidade e as que adota a corrupção do coração; as do Evangelho se consideram como leis de outro país e, no mais, como leis abolidas no mundo pelo desuso e que o mesmo mundo tem desterradas; daqui nasce aquele desgosto e até aquele menosprezo das mais sagradas máximas da Religião; daqui aquele plano de vida inteiramente contrário ao espírito de Jesus Cristo; daqui aquele estudo dos respeitos, dos estilos do mundo, absolutamente oposto à ciência do Evangelho.

Estes falsos sábios e discretos do mundo apenas conhecem já a Religião; o espírito do mundo, aquele mortal inimigo de Jesus Cristo, lhes tem prescritas outras regras muito diferentes; a concupiscência é a medida e a ambição os limites de seus desejos. Como se dê gosto aos que só têm o nome de cristãos, não se buscam outros sufrágios; destros em saber disfarçar-se, só estudam em parecer francos, sociáveis, condescendentes e flexíveis: isto se chama ser homem de corte: aplicados escrupulosamente às exterioridades do que se diz boa criação, não reconhecem outras obrigações; toda a sua sabedoria se fez precisamente para os homens; toda a sua virtude, no mais, é uma virtude moral que pára precisamente na conveniência da sociedade; homens de bem, ao parecer oficiosos, agasalhadores, serviçais, honrados em tudo o que se vê, contanto que o exterior pareça ajustado, pouco se lhes dará da desordem interior nem dos remorsos da consciência; estes facilmente os sufocam à força de multiplicá-los. O último primor desta falsa sabedoria é uma aparente e artificiosa igualdade: toda a destreza consiste em saber ir cada qual a seu fim; mas que fins são estes? A diversão, o interesse, a distinção, as promoções, as riquezas: estas ocupam no mundo o lugar do último fim. Daqui nasce que o que se sobrepõe a todos os concorrentes, o que brilha com mais esplendor, o que faz maior fortuna, esse é tido no mundo por mais sábio e por mais prudente. Mas, meu Deus, aonde conduz este espírito! Em que vem a parar toda essa sabedoria! *Vasa iræ apta in interitum:* vasos de ira dispostos a perecer; que outro fruto, que outro fim é o desta falsa sabedoria?

Segundo ponto

Considera se há coisa mais baixa, nem mais extravagante, nem mais insensata que ela: *Sapientia hujus mundi,* diz São Paulo, *stultitia est apud Deum:* a sabedoria deste mundo é ignorância e necedade aos olhos de Deus. Quem se enganará? Dizei-me, imaginários espíritos fortes, prudentes do mundo, pretendeis que Deus vos dê as graças porque lhe corrigistes a página, porque o

endireitastes quando ia descaminhado, combatendo todas as suas máximas? Quereis que se vos mostre agradecido e obrigado por este importante descobrimento? Em vossos princípios enganou-se enormemente o Salvador do mundo quando nos intimou uma lei tão contrária a vosso sistema; segundo eles, a Sabedoria incriada nos traçou um caminho errado; a vossa, sim, descobriu outro mais plano e mais direito. Sabedoria mundana! Lastimosos precipícios do humano entendimento! Provas palpáveis da mais insigne loucura! Há coisa que mais deva humilhar o homem que essa falsa segurança com que prefere seus erros aos princípios infalíveis da Religião? Há nem pode haver outro sistema de sabedoria, nem outra regra de governo? Pode haver outro entendimento, outra sabedoria nem outra prudência senão aquela que se conforma à soberana regra dos costumes e às máximas do Evangelho?

Não há homem de bem senão o bom cristão. Esses que o mundo chama homens de bem serão, no mais, homens de alguma educação, mundanos um pouco cultivados; mas muitas vezes, se não sempre, serão uns dissimulados dissolutos, uns homens que não têm muita religião; fantasmas de homens de bem. É ser sábio nem prudente caminhar às cegas sem saber aonde se caminha ou seguir atoladamente e porfiadamente os que se sabe que foram descaminhados? Preferir as ideias e os caprichos dos homens do mundo às mais respeitáveis máximas da Religião? É ser sábio antepor o tempo à eternidade, menosprezar, sufocar o espírito de cristão e fazer vaidade de uma sabedoria gentílica? Filhos do século, de que vos servirão essas exterioridades? No mais, sereis filósofos; mas de nenhum modo cristãos, se só seguis as reprovadas leis e máximas do mundo. Que conexão tem o Senhor com Belial? O espírito mundano com a fé? As desprezíveis leis do mundo com as do Evangelho? *Nemo se seducat,* diz o Apóstolo: ninguém se engane a si mesmo. *Si quis videtur inter vos sapiens esse in hoc sæculo, stultus fiat ut sit sapiens:* se alguém de vós presume de sábio neste mundo, para sê-lo verdadeiramente faça-se néscio. Esta doutrina não será do gosto de muitas gentes, mas são verdades infalíveis; verdades com circunstâncias de mistérios que quis Deus ocultar aos sábios da terra. Tudo se descobrirá, tudo se fará patente na hora da morte.

Não aguardeis, Senhor, a tão fatal extremo para conceder-me sua clara inteligência; fazei-me sábio com esta celestial sabedoria; conheço que a deste século é verdadeira ignorância e desde este mesmo ponto a detesto com horror.

Jaculatórias

Concedei-me, Senhor, a sabedoria do céu e não queirais contar-me no número dos ignorantes que não são servos vossos. (Sb 9.)

Desprendei-a, Senhor, das alturas, para que sempre me acompanhe e me ensine o que é agradável a vossos divinos olhos. (Ibid.)

Propósitos

1. Ser sábio é tomar bem as medidas para chegar ao fim que se pretende; mas será ser sábio errar o fim a que se deve dirigir tudo o que se faz? Este erro é origem de outros muitos. O que erra nos princípios, como poderá deixar de descaminhar-se? Que digno de lástima é o que não trabalha por bom fim! Mas será menos desgraça, será loucura menos lastimosa ter um bom fim e abandonar voluntariamente os meios de consegui-lo? Que maior extravagância que presumir alcançar a vitória sem pelejar, curar as feridas sem aplicar o remédio, colher o fruto sem semear o grão? E somos nós mais prudentes quando pretendemos ser santos sem viver segundo as máximas do Evangelho? Em meio disso, o mundo está hoje cheio desses prudentes imaginários que, fazendo uma vida inteiramente contrária à que fizeram os Santos, esperam e até presumem chegar ao mesmo termo aonde os Santos chegaram. Está-se continuamente ofendendo o Senhor e, ao mesmo tempo, solicitam-se suas maiores graças e seus especiais favores. Faze-te agora cargo da injustiça, da extravagância e até da impiedade deste proceder; entabula uma conduta mais regular e mais cristã; pergunta-te continuamente a ti mesmo: que fim tens nisto? Qual é teu último fim? E vê se aplicas os meios conducentes para chegar a ele.

2. Todos aqueles que têm a mais leve tintura de Religião conhecem bem estes meios. O Evangelho os contém todos; nele os encontram todos os que os buscam; as vidas dos Santos no-los ensinam, mostrando-nos ao mesmo tempo o modo de usar deles. A inocência sustentada com a mortificação; a pureza de coração inalterável; a fé constante e generosa; a humildade sincera; a caridade universal; a devoção firme à prova de todos os acidentes; a frequência de Sacramentos com fruto; o amor terno e reverente a Cristo no Sacramento; a ternura e a confiança na santíssima Virgem: estes são os meios seguros para chegar a nosso último fim. Serviste-te tu deles até aqui?

Revision #1
Created 20 November 2026 20:49:05 by Admin
Updated 20 November 2026 20:49:05 by Admin